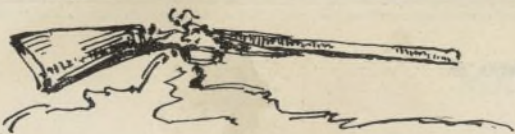


Isto é que é



Não o desequilibram nem o fazem cair por mais piparotes que lhe deem.
Está pegado á bola que rebola, bola, bola por cima de todas as leis e de todos os direitos.



Assim como o rei da Dinamarca ha poucos annos acompanhava á sua ultima morada os restos mortaes do grande poeta Andersen e os principes da Allemanha recebiam á porta da cathedral de Berlim o cadaver do sabio Hem-baldt, assim el-rei D. Luiz honrava a memoria e os serviços de Alexandre Herculano, brilhando pela sua ausencia no enterro do illustre historiador.

Alguns mezes depois morria Antonio Rodrigues Sampaio, o jornalista eminente, o revolucionario liberal, o democrata ardente que sacrificou o seu grande nome e a sua selvatica independencia ao trato polido e captivador do sr. D. Luiz, o qual como recompensa de taes sacrificios mandava como seu representante ao cortejo funebre do grande escriptor qualquer fidalgo da sua casa e á noite ia dar no theatro testemunho publico do seu desamor ao homem que por elle atirara ao esquecimento a melhor parte das suas tradições gloriosas.

Ha poucos dias expirou um homem moço, vigoroso, cheio de talentos uteis, que a monarchia já tinha aproveitado e que podiam ser ainda o seu esteio por algum tempo; um homem sob cuja indiscutivel superioridade se poderiam ter reunido na mais estreita camaradagem todos os elementos de lucta contra instituições decrepitas, mas que preferiu correr o risco de vir a perder a sua grande popularidade, sacrificar a gloria de dirigir a opinião da maior parte do paiz, ao seu ideal de transacção entre as instituições velhas e as idéas novas, de transformação lenta e pacifica da constituição politica da nossa sociedade. No dia em que a morte ferio despiadosamente esse homem, esperança de muitos e moderador das exaltações do seu partido, a ponto de as conter dentro dos limites do seu proprio ideal quando ellas queriam atirar a barra mais longe, el-rei D. Luiz, não poude resistir á tentação de ver o atirador americano partir bolas de vidro á balla. Que incitamento a futuros Saraivas de Carvalho para sacrificarem um atomo da sua popularidade ou da sua gloria á missão de rebocarem as instituições caducas!

Não pode o chefe do estado divertir-se? Todos os dias, a toda a hora como qualquer cidadão, mas se o dia e a hora forem improprios, mas se o chefe do estado fôr o unico indifferente no meio dos acontecimentos dolorosos para o paiz, não pode extranhar que o paiz seja indifferente ás dores que a elle proprio lhe digam respeito. Se os reis são os primeiros a quebrar a solidariedade historica do seu viver com os povos, não nos podem accusar a nós de fazermos a republica. Nós cumprimos com o nosso dever, conforme as nossas idéas; mas somos os que perderiamos menos. Os reis, que poderiam inutilisar todos os nossos esforços, que poderiam provar que com instituições democraticas e governos ajuizados, tanto valeria a um chefe hereditario, como um chefe de eleição, os reis são os que nos dão rasão a nós, são elles que fazem a republica. Nos somos apenas o ecco; elles são a voz; nós tratamos apenas de edificar no terreno em que elles vão fazendo o desmurramento; nós somos simples operarios, elles são os architectos que dirigem a sua propria derrocada.



Não ha nada, por mais calamitoso que nos pareça, que não tenha o seu lado bom. É assim que as pragas de gafanhotos, que arrasam as cearas, representam fertil adubo para as terras, quando o morticinio se manifesta implacavel no bando dos saltadores. É assim que a praga dos almanacks, que nos arrasam a bolsa e a paciencia, nos oferece por vezes, entre nuves de sensaboria, um specimen curioso e delicado, que nos compensa fartamente das horas perdidas na leitura dos restantes — como o *Calmanack* Illustrado de Casanova e Pastor.

E dito isto, escusamos de pôr mais pontos nos *ii*...

Por esta não esperava eu!...

Então que diabo é isto,
O povo heroico das ilhas?...
P'ra o lado não encarrilhas
Do throno, esteio do altar?...
Tu que por esta *coisata*
Déste de amor prova farta,
Estás enjoado da Carta
Por quem soubeste pugnar?...

Ora não ha!! Pois á sombra
Do tal codigo divino,
Não vae Portugal n'um sino...
De mais a mais, sem badalo?!...
Teme Portugal, acaso,
Que lhe arrombem as costellas?!...
Não se cura das *mazellas*
Que se erguem a *seringal-o*?

Não temos ministros fortes
Como traves, como vigas...
Fortes até nas *cantigas*
Com que nos vem embalar?!...
Não temos nós da berrata
A liberdade, não pouca,
Em quanto a rolha na boca
Nos não obriga a calar?!...

Não temos o voto livre,
A que ninguém torce a porca,
Que ora se vende ou se alborca,
Conforme apraz ou convém?!...
Já se viu — digam — já viram
No caro torrão *parvonia*:
Ao que é nosso patrimonio
Lançar as unhas alguém?!...

Não, e não. — Povo das ilhas
Empoleiraste o Arriaga...
Virá Theophilo Braga,
Que o consoante a muito obriga!...
E depois d'estes vermelhos,
Na penna e na arenga fortes,
Outros, de equal côr, em côrtes
Irão entrando á formiga!!!...

Horror! Do Caro os arranjos
— Que sempre foram os nossos —
Soffrerão duros destroços
Que hão de dar muito a cheirar;
É a patria, triste de então
Ver Braga por um canudo,
— Aqui d'el-rei *Topa a Tudo* —
Desatará a bradar.



O prior de S. Julião protestou contra o procedimento do prior de S. Mamede, que indevidamente tomara conta do cadaver de um suicida e dos direitos parochiaes do enterramento, que pretendiam á jurisdição do primeiro.

Estes protestos a proposito de um cadaver, tem o que quer que seja de disputa de corvos. Mas o fino ainda não é isto. Os srs. parrochos, em geral, recusam-se a acompanhar e a dar sepultura sagrada aos suicidas. Isto tem sido doutrina corrente, e muita gente cuidava que não tinha excepções; mas vê-se agora que o caso muda de figura quando a familia do suicida pode exportular os direitos parochiaes. N'estas circumstancias não só o suicida pode obter sepultura em sagrado, mas até dois priores disputam a honra de o conduzirem á ultima morada como outr'ora varias cidades disputavam a gloria de terem sido o berço de um grande poeta. Está provado que ser pe-lintra é a maior desgraça que hoje pode acontecer até aos proprios defunctos.

On tudo, ou nada

Assaltam-se mil *batotas*;
Fazem mal — pois entendo eu
Que até mesmo é liberdade
O dar cabo do que é seu.

Porém, como nem com todos
A lei se executa á risca,
Aos senhores assaltantes
Atiro aqui esta *bisca*.

A *Santa Misericórdia*,
Instituição a mais pia,
Tem livre a sua *batota*
Que impinge na loteria.

O que vende *Agua de Lourdes*,
Com capa de devoção,
Explorando a palermice,
Faz *batota*, sem questão.

Quem pede esmola p'ra o Papa,
Apregoando-lhe as misérias,
Além de ser *batoteiro*,
É doutor formado em *lérias*!

— Ou se assalta, ou não se assalta,
O direito este é que é:
Deitem-se todas por terra,
Ou fiquem todas de pé.

Aquelle que vende *bulas*,
Embora alminha devota,
Faz jogo co'os ignorantes,
E tem casa de *batota*.

**A bula**

Diz *Macarroni Mazella*,
Raio do céu contra a gula,
Que a carne é sempre indigesta
Sem o tempêro da bula.

Devemos crêr (que ninguém
Contra o *Mazella* regougue;)
Entendo que a carne e a bula
Deve vendel-as o açougue.

'Té na poupança ao sacco
Com a coisa se especula,
Pois pôde a carne do açougue
Vir embrulhada na bula.

E ninguém se queixará
Se ella custar mais *carôço*,
Pôr pouco *christá* no cheiro,
Tiver mais ou menos osso.

Penso até que a cosinheira
Seu fino tacto revella,
Se deitar ao mesmo tempo
A bula e o sal na panella.

Talvez que fique um caldinho
De dar substancia a um defunto...
Sem precisão de toucinho,
Nem tão pouco de presunto.

Litteratura clerical

A pastoral do bispo de Angra, á qual se tem seguido diversos documentos da mesma indole, obriga-nos a abrir uma secção de *litteratura clerical*, para darmos logar de honra aos varios productos da imaginação ecclesiastica, que forem vindo a luz publica. Para mostrarmos bem o seu valor, illustral-os-hemos conforme a gravidade do caso pedir; começando hoje pelas

INSTRUÇÕES AOS REV.ºs PAROCHOS E MAIS CLERO DA DIOCESE DA GUARDA SOBRE ALGUNS PONTOS DISCIPLINARES

O ex.º vigario capitular da Guarda, depois de transcrever um officio do presidente da Bulla da Santa Cruzada, em que este declara que a devoção vac dando em droga e que a bulla já quasi não rende vintem, publica seis artigos que dizem respeito ás obrigações dos parochos, e fecha essa peça de litteratura com o art. 7.º, que é o seguinte, convenientemente esclarecido por nós com as competentes annotações.

Art. 7.º Auctoriso os reverendos parochos para absolverem os seus freguezes desde quarta feira de cinza até á Dominga de Pentecostes, dos casos reservados n'esta diocese; os quaes para toda ella ficam sendo agora os que aqui transcrevo das Const. do Bispado, L. I, Tit. VIII, Cap. XIV.

1.º Blasphemia publica.

2.º Feitiçaria: convém saber: fazer feitiços ou usar d'elles.

(Por exemplo: dar *coca*, salgar a porta, defumar com arruda, picar a camisa, dar a beber agua de tacho lavado, etc., etc.)

3.º Invocação do demonio.

(Por exemplo: valha-o seiscientos diabos; o diabo que o compre, vá para o diabo, etc., etc.)

4.º Pôr mãos violentas em clérigo ou em religioso.

(Este parographo é muito bem entendido, por ser escripto por padres. Como elles tratam de pôr as costellas no seguro para algum caso apertado.)

5.º Juramento falso, etc.

6.º Homicidio voluntario.

7.º Incendiõ feito por acinte.

(Quando estes dois ultimos casos podem ter absolvição, faz gosto dar uma facada ou deitar fogo a um predio, pelos dois patacos da bulla).

8.º Revelação do sigillo da confissão, etc.

9.º Excommunhão maior, etc.

10.º Reter o alheio, cujo dono se não sabe, que passe de 500 réis.

(Até uma *carinha* qualquer pessoa pôde furtar sem necessidade de absolvição.)

Afinal o reverendo vigario capitular observa a suspeita d'este caso, que «no foro civil os achadores de animaes ou coisas perdidas podem ficar com ellas, se não apparecer dono depois de feitas as diligencias prescriptas no código civil art.º 408, 415 a 419. Se tambem em consciencia podem fazel-as suas depois d'essas diligencias, é questão entre os moralistas; mas em qualquer das opiniões o confessor procederá com toda a segurança aconselhando a bulla de composição; o que é mais um meio assaz commodo e frequente de poder augmentar o producto da bulla.»

Que grande *gajo* que é o tal vigario capitular! Nem o Burnay é capaz de tirar tanto partido de um emprestimo como elle de uma simples bulla! Todos os peccados tem abulição, graças ás virtudes da bulla, e até quando uma pessoa não se abotoar com o objecto que tiver encontrado e o restituir ao seu legitimo dono, é conveniente que o padre lhe aconselhe a bulla de composição, porque é um meio muito commodo e frequente de augmentar o producto da bulla.

E não tem papas na lingua! O que elle quer é vender bullas para feitiços, para homicidios, para juramentos falsos, e até para a propria virtude em pessoa!

Que ministro da fazenda para lançar impostos! Que li-nanceiro! O que elle faria d'esses restos de pelle que o Fontes nos deixou! Quem faz d'uma bulla um thesouro, era capaz de fazer do nosso thesouro as minas do Peru.

O ANTONIO MARIA

A REINAÇÃO



Paga a festança, não faças cantatas e deixa reinar a gente. — Ouvistes ?...

Notabilidades da semana

OS IRMÃOS PINAUDS

São uns perfeitos demonios,
D'uma viveza travessa!
E nenhum quebra a cabeça
Nem o nariz esborracha!
É impossível que o demo
Dentro d'elles não se encarne...
Não parecem de osso e carne,
São por força de borracha!

Mas esses artistas celebres,
D'um trabalho inimitavel,
Co'um vulto muito notavel,
Quero, leitor, que os confrontes:
Vê lá se não se parecem,
— Pondo á parte as graças plasticas —
N'aquellas formas elasticas
Co'a consciencia do Fontes...

O ATIRADOR PAINE

Tem soberba pontaria;
— Só de lebr-al-a me aterro! —
Tem a rijeza do ferro
No seu pulso duro e forte.
Aponta firme a pistola,
Puxa o gatilho, desfecha,
E vae tirar uma ameixa
Da cabeça da consorte!

Mas este officio em que Paine
Tem um successo tamanho,
Não é pr'a nós caso estranho,
Não é pr'a nós caso novo...
— Tambem o Fontes aponta
Com tal firmeza no braço,
Que, sem ferir o espinhaço,
Tira a camisa do povo...

PAN.



Bruxarias

O Grigorio camarista,
Por feitiço ou bruxaria,
Mandou deitar sal nas pedras
Do largo da Abegoaria!

Foi por acinte que o fez,
P'ra nos vir causar abalo,
Pois sabe que é n'esse largo
A morada do Bordalo.

Mas que motivos teria
Aquelle mosquinha morta,
P'ra nos fazer um feitiço?
P'ra nos vir salgar a porta?

Tomou elle por pretexto
P'ra deitar o sal na pedra,
Que quer combater a relva
Que no largo cresce e medra...

Mostrou na esperta evasiva
Que em sophismas não se perde...
Mas tão gordo, tão rotundo,
E com tanta raiva ao verde?!

PAN.

THEATRO DE D. MARIA 2.^a
11 DE DEZEMBRO

Ao Silva Pereira fez-lhe bem a viagem ao Brazil. Quando
elle partiu de cá era pelo menos octogenario — andava em



carro de duas rodas; mas ao passar a linha rejuvenesceu
de tal maneira, que nem que tivesse consumido uma quar-
tola de agua de Juvencio!

Passou por lá bons dez annos sempre a remoçar, a re-
moçar, a remoçar, de fôrma que quando voltou para junto
de nós, tinha chegado á idade das valsas e dos idyllios,
dos madrigaes e das esperas de toiros — andava em tipoia



de quatro rodas. Decorreram mezes, e elle cada vez mais
joven attingira a fôrma de bebé que faz tem-tem e que
mette os dedos no nariz — andava em carrinho de trez



rodas. Ha tempo que o não vemos, e por isso esperamos,
na proxima segunda feira, 11, encontral-o em D. Maria sob
a fôrma de recém-nascido, chuchando na teta ao colo da
ama...



THEATROS
Um supplicio!



ZÉ POVINHO DE LISBOA
A proposito da eleição no Funchal



É de cêra derrete-se ao sol.